

A vintage black and white illustration of a man and a child in a tropical setting. The man, on the left, is tall and muscular, wearing a large, ornate headdress with a feathered top and a decorative base. He has a patterned loincloth and a sash. He holds a large, woven basket filled with various fruits, including apples and oranges, on his left arm. The child, on the right, is smaller and appears to be holding a small object, possibly a piece of fruit or a tool, towards the man. The background features palm trees, a beach, and a distant view of the ocean with a small boat. The overall style is reminiscent of early 20th-century ethnographic or travel illustrations.

**ESTRANHOS**

**FRUTOS**

**DO PARQUE**

A vintage black and white illustration of a man and a child in a tropical setting. The man, on the left, is tall and muscular, wearing a large, ornate headdress with a feathered top and a decorative base. He has a thick mustache and is wearing a patterned loincloth. He holds a large, woven basket filled with various fruits, including apples and oranges, on his left arm. The child, on the right, is smaller and appears to be holding a small object, possibly a piece of fruit or a tool, towards the man. The background features palm trees, a beach, and a body of water with a small boat in the distance. The overall style is reminiscent of early 20th-century travel posters or ethnographic illustrations.

**ESTRANHOS**

**FRUTOS**

**DO PARQUE**



gilvan nunes

sem titulo, 1995

acrilico s/tela, 100x 70 cm

foto marcelo scofano



gilvan nunes

sem titulo, 1995

acrilico s/tela, 100x 70 cm

foto marcelo scofano

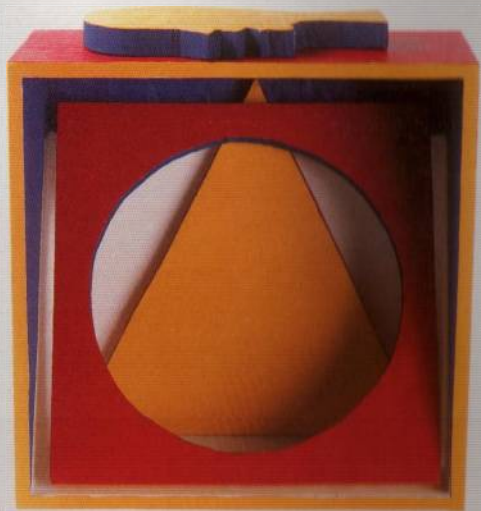


iracema barbosa de almeida

micro santuário I, 1995

óleo s/madeira, 30 x 30 x 15 cm

foto João Bosco



iracema barbosa de almeida

micro santuário I, 1995

óleo s/madeira, 30 x 30 x 15 cm

foto João Bosco



juliano guilherme

milagre, o tempo parou, 1993

óleo s/tela, 200 x 160 cm

foto Mário Crisolti



juliano guilherme

milagre, o tempo parou, 1993

óleo s/tela, 200 x 160 cm

foto Mário Crisólli





marcelo rocha

sem título, 1994

técnica mista s/tela, 160 x 180 cm

foto flávia rocha

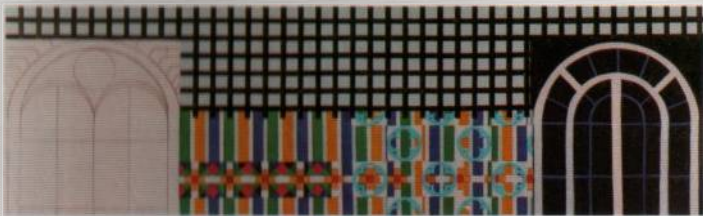


marcelo rocha

sem título, 1994

técnica mista s/tela, 160 x 180 cm

foto flávia rocha

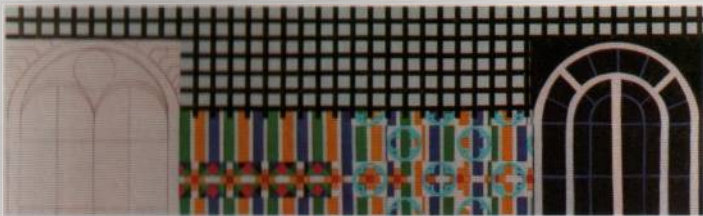


rosane cantanhede

arrependimento, 1995

óleo s/tela, 60 x 200 cm

foto Cicero Rodrigues



rosane cantanhede

arrependimento, 1995

óleo s/tela, 60 x 200 cm

foto Cicero Rodrigues



Гума

a sereia que dança, destemida Iara, 1992

acrilica s/tela, 150 x 200 cm



Гума

a sereia que dança, destemida Iara, 1992

acrilica s/tela, 150 x 200 cm

Estranhos frutos do parque, exposição de Gilvan Nunes, Ira, Juliano Guilherme, Marcelo Rocha, Rosane Cantanhede e Ruma se define a partir de dois princípios: independência e experimentação. A aproximação de vocês não foi por familiaridade de estilos ou procedimentos técnicos. Cada um trabalha independentemente. Cada um desenvolve sua pesquisa com personalidade. Ninguém pertence a grupo com plataforma estética. É um encontro que apresenta sensibilidades diferentes. Tanto o sentir aéreo e imaterial em Marcelo Rocha e Gilvan Nunes quanto a materialidade terrestre, quente e úmida das duas mulheres, Ira e Rosane, ou o sentimento de fragmentação, de impossibilidade de centro no trabalho de Juliano,

Estranhos frutos do parque, exposição de Gilvan Nunes, Ira, Juliano Guilherme, Marcelo Rocha, Rosane Cantanhede e Ruma se define a partir de dois princípios: independência e experimentação. A aproximação de vocês não foi por familiaridade de estilos ou procedimentos técnicos. Cada um trabalha independentemente. Cada um desenvolve sua pesquisa com personalidade. Ninguém pertence a grupo com plataforma estética. É um encontro que apresenta sensibilidades diferentes. Tanto o sentir aéreo e imaterial em Marcelo Rocha e Gilvan Nunes quanto a materialidade terrestre, quente e úmida das duas mulheres, Ira e Rosane, ou o sentimento de fragmentação, de impossibilidade de centro no trabalho de Juliano,



como se houvesse uma espécie de angústia onde não há estrutura que unifique aqueles elementos, ou a universalidade amazônica no trabalho de Ruma. Quem quiser procurar influxos nesta exposição vai achar. O artista não está isolado, genial. Isto é uma bobagem. Mas as influências aqui não são automáticas, mecânicas. São muito bem digeridas, individualizadas. O que acomoda todo mundo aqui nesta exposição, mesmo à cotoveladas, é o experimentalismo, uma posição pouco reverencial em relação a pintura, a frontalidade do plano. Ninguém está preso a um modelo ou expectativa da produção artística recente, a certos procedimentos estereotipados, como escorrimentos, craquelês, velaturas. Vocês usam a cor

como se houvesse uma espécie de angústia onde não há estrutura que unifique aqueles elementos, ou a universalidade amazônica no trabalho de Ruma. Quem quiser procurar influxos nesta exposição vai achar. O artista não está isolado, genial. Isto é uma bobagem. Mas as influências aqui não são automáticas, mecânicas. São muito bem digeridas, individualizadas. O que acomoda todo mundo aqui nesta exposição, mesmo à cotoveladas, é o experimentalismo, uma posição pouco reverencial em relação a pintura, a frontalidade do plano. Ninguém está preso a um modelo ou expectativa da produção artística recente, a certos procedimentos estereotipados, como escorrimentos, craquelês, velaturas. Vocês usam a cor

sem timidez. Rosane, a mais "clássica", utiliza recursos gráficos, olha o entorno dela, os ladrilhos, o casario. Ira passeia com conforto do plano ao objeto, a presença da madeira como prima matéria. Mater, matéria, madeira, mãe. Gilvan que brinca com a velatura. A velatura inusitada não como um recurso corriqueiro. Inventa outras maneiras de velar. Marcelo com sua fantasia silenciosa, utiliza recursos heterodoxos com um desenho próprio. Juliano, o que mais se aproxima da "bad painting", faz um rap cheio de erotismo, vitalidade. Ruma arma um jogo, universalizando uma iconografia nortista. Não são pinturas conformistas. Não há uma reverência ao plano. Corta-se, agride-se, procura-se o atrás da tela. Esta questão dos limites

sem timidez. Rosane, a mais "clássica", utiliza recursos gráficos, olha o entorno dela, os ladrilhos, o casario. Ira passeia com conforto do plano ao objeto, a presença da madeira como prima matéria. Mater, matéria, madeira, mãe. Gilvan que brinca com a velatura. A velatura inusitada não como um recurso corriqueiro. Inventa outras maneiras de velar. Marcelo com sua fantasia silenciosa, utiliza recursos heterodoxos com um desenho próprio. Juliano, o que mais se aproxima da "bad painting", faz um rap cheio de erotismo, vitalidade. Ruma arma um jogo, universalizando uma iconografia nortista. Não são pinturas conformistas. Não há uma reverência ao plano. Corta-se, agride-se, procura-se o atrás da tela. Esta questão dos limites

da pintura e escultura não tem mais sentido há 40 anos. Desde o Neoconcretismo. A idéia de um plano básico é uma maluquice. É uma idéia conformista, retrógrada, que pode jogar a arte brasileira para trás mesmo.

O imaginário vitalista. Uma disposição solar diurna. Esta exposição não apresenta o modelo revelado por uma pintura padrão da Escola de Artes Visuais. Não mesmo. Não é uma "bad painting" ou o neoexpressionismo corrente. Um mundo oculto, moralista, que indica a falência do humano, onde tudo que diga respeito ao homem é condenável, o sexo, o sangue, o corpo, a imaginação, o humor, claro. Depois de tempos de "bad painting" se pode ver uma pintura erotizada, vitalizada, diurna,

da pintura e escultura não tem mais sentido há 40 anos. Desde o Neoconcretismo. A idéia de um plano básico é uma maluquice. É uma idéia conformista, retrógrada, que pode jogar a arte brasileira para trás mesmo.

O imaginário vitalista. Uma disposição solar diurna. Esta exposição não apresenta o modelo revelado por uma pintura padrão da Escola de Artes Visuais. Não mesmo. Não é uma "bad painting" ou o neoexpressionismo corrente. Um mundo oculto, moralista, que indica a falência do humano, onde tudo que diga respeito ao homem é condenável, o sexo, o sangue, o corpo, a imaginação, o humor, claro. Depois de tempos de "bad painting" se pode ver uma pintura erotizada, vitalizada, diurna,

solar. Não é um imaginário do luto. É claro que o expressionismo é um modelo compreensível neste mundo onde faliram os grandes sistemas econômicos, filosóficos, religiosos. Se vive uma situação de fragmentação, descentramento. Mas quando um modelo passa a ser um uniforme, se pergunta: onde fica a arte? A descoberta? A criação? Onde ficam outras sensibilidades? A celebração? Será que se tem que ser melancólico o tempo todo? É uma maluquice isto! Cabe a uma escola de artes defender a diferença. Este é o grande barato desta exposição. É uma exposição vitalista que não busca um internacionalismo barato. Tem todo compromisso com o entorno, são pinturas afirmativas. No uso desabusado da cor, na atitude

solar. Não é um imaginário do luto. É claro que o expressionismo é um modelo compreensível neste mundo onde faliram os grandes sistemas econômicos, filosóficos, religiosos. Se vive uma situação de fragmentação, descentramento. Mas quando um modelo passa a ser um uniforme, se pergunta: onde fica a arte? A descoberta? A criação? Onde ficam outras sensibilidades? A celebração? Será que se tem que ser melancólico o tempo todo? É uma maluquice isto! Cabe a uma escola de artes defender a diferença. Este é o grande barato desta exposição. É uma exposição vitalista que não busca um internacionalismo barato. Tem todo compromisso com o entorno, são pinturas afirmativas. No uso desabusado da cor, na atitude



desavergonhada com o imaginário, o sentimento de mundanidade que todos tem. É neste sentido que, creio, esta exposição pode ser uma das mais importantes do Brasil.

Dificuldade de inserção do trabalho dos artistas versus força de projeto estético. Num país pobre onde não há sistemas de arte que façam circular a produção, se você não está inscrito imediatamente naquele modelo da expectativa, você está excluído. A inserção de vocês se torna difícil porque justamente vocês são muito independentes. Nenhum, é clara e nitidamente expressionista ou construtivo ou conceitual. No Brasil ainda se tem fronteiras de estilos e de geração. Isto é um atraso. Pensar em geração 50, 70, 80, 90. Isto não existe.

desavergonhada com o imaginário, o sentimento de mundanidade que todos tem. É neste sentido que, creio, esta exposição pode ser uma das mais importantes do Brasil.

Dificuldade de inserção do trabalho dos artistas versus força de projeto estético. Num país pobre onde não há sistemas de arte que façam circular a produção, se você não está inscrito imediatamente naquele modelo da expectativa, você está excluído. A inserção de vocês se torna difícil porque justamente vocês são muito independentes. Nenhum, é clara e nitidamente expressionista ou construtivo ou conceitual. No Brasil ainda se tem fronteiras de estilos e de geração. Isto é um atraso. Pensar em geração 50, 70, 80, 90. Isto não existe.

É uma coisa empobrecedora. Se vemos um Aluisio Carvão, um Franz Weissman ou uma Lygia Pape que são veteranos e são grandes, eles estão trabalhando tanto quanto nós. Também apontam para uma prática que diz respeito a força, a celebração, a vida. É exatamente este sentimento de mundo que esta exposição tem. Todos tem claramente o que dizer. É feito uma escola de samba, há um enredo que diz a que veio. Cada um usa da melhor maneira os seus recursos expressivos. Os trabalhos tem clareza no projeto estético. Não é uma exposição de principiantes. Há romantismo, ainda bem. Todo mundo aposta no seu trabalho. Mas todos estão muito mais preocupados com a voz do trabalho do que com a do artista.

É uma coisa empobrecedora. Se vemos um Aluisio Carvão, um Franz Weissman ou uma Lygia Pape que são veteranos e são grandes, eles estão trabalhando tanto quanto nós. Também apontam para uma prática que diz respeito a força, a celebração, a vida. É exatamente este sentimento de mundo que esta exposição tem. Todos tem claramente o que dizer. É feito uma escola de samba, há um enredo que diz a que veio. Cada um usa da melhor maneira os seus recursos expressivos. Os trabalhos tem clareza no projeto estético. Não é uma exposição de principiantes. Há romantismo, ainda bem. Todo mundo aposta no seu trabalho. Mas todos estão muito mais preocupados com a voz do trabalho do que com a do artista.

A mídia hoje procura o artista para ele falar dele ou dar opinião a respeito de coisas banais. O que interessa é a voz da obra. O que esta exposição afirma é a voz muda da obra. O caráter celebrante mas não conformista. São experiências críticas. Positividade não significa otimismo barato, ou ingenuidade, inocência. É sangue, é nervo, é erotismo, são trabalhos que não tem vergonha. A arte está viva!

Ronaldo do Rego Macedo

gravado com os artistas em  
Ipanema, 29 de abril de 1995

A mídia hoje procura o artista para ele falar dele ou dar opinião a respeito de coisas banais. O que interessa é a voz da obra. O que esta exposição afirma é a voz muda da obra. O caráter celebrante mas não conformista. São experiências críticas. Positividade não significa otimismo barato, ou ingenuidade, inocência. É sangue, é nervo, é erotismo, são trabalhos que não tem vergonha. A arte está viva!

Ronaldo do Rego Macedo

gravado com os artistas em  
Ipanema, 29 de abril de 1995



SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ESPORTE  
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

direção Luis Alphonsus  
montagem Nelson Augusto  
divulgação Vera Alvarez

exposição de 22 de junho a 23 de julho de 1995  
galeria da escola de artes visuais do parque lage  
rua jardim botânico, 414  
rio de janeiro, brasil  
de segunda a sexta feira 10 às 19h  
sábado e domingo 10 às 17h

agradecimentos

egeu laus

kilton berredo

capa:

negra com criança, albert eckhout

no brasil entre 1637 e 1644

  
**Sulamérica**  
Estúdio Gráfico Ltda.

**Altiplano**

INGENHARIA



SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ESPORTE  
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

direção Luis Alphonsus  
montagem Nelson Augusto  
divulgação Vera Alvarez

exposição de 22 de junho a 23 de julho de 1995  
galeria da escola de artes visuais do parque lage  
rua jardim botânico, 414  
rio de janeiro, brasil  
de segunda a sexta feira 10 às 19h  
sábado e domingo 10 às 17h

agradecimentos

egeu laus

kilton berredo

capa:

negra com criança, albert eckhout  
no brasil entre 1637 e 1644

  
**Sulamérica**  
Estúdio Gráfico Ltda.

**Altiplano**

INGENHARIA